

Reflexões sobre o Parque

A leitura da reportagem sobre o Parque da Cidade, publicada na edição de ontem deste jornal, deve levar a conclusões realistas, em lugar de lamentações, de contra-ataques ou de simples conformismo diante do que seria uma fatalidade do destino.

Para início de conversa, é preciso que os brasilienses em geral se tornem conscientes de duas coisas. A primeira, é que vivem numa cidade que tem o maior parque urbano do mundo, com área de 4,2 milhões de metros quadrados. Um vasto pulmão verde, no coração da capital da República, de fazer inveja a qualquer capital do mundo. A segunda, mais importante, é que esse vasto e precioso patrimônio natural pertence a toda a comunidade. A comunidade, portanto, deve se interessar por seu estado atual e participar do debate sobre o seu futuro.

Administrado há 17 anos pelo GDF, cujos governos mal se lembram de que são os zeladores de tamanho patrimônio público, a história desses anos prova que o Parque da Cidade não é setor para ser administrado exclusivamente pelo governo. Ele deve ser público, isto é, pertencer ao povo de Brasília pelos séculos afora, ad perpetuum rei memoriam, como diziam os romanos. Mas essa propriedade pública, intangível e permanente, não quer dizer que deva sair somente dos cofres públicos a sua manutenção. Pois, sendo assim, o Parque ficará sempre do jeito que a reportagem mostrou, pois nunca ha-

verá suficiente dinheiro no orçamento do GDF para mantê-lo à altura.

É preciso pensar em parcerias maiores com a iniciativa privada e até com entidades e fundações nacionais e internacionais. Será que a Câmara Legislativa não tem nenhuma idéia a oferecer nesse debate? A Administração do Parque já procurou abrir e tornar amplo um debate com a comunidade sobre o seu parque? As entidades empresariais, ambientalistas, estudantis, sindicais nada têm a dizer sobre a situação do Parque da Cidade e os rumos de seu futuro? Os urbanistas, arquitetos, artistas, estudantes de nível universitário nunca pensaram em propostas para valorizar e tornar o Parque um local verdadeiramente vivo da comunidade? Uma idéia antiga de um empresário brasiliense de se cobrar pedágio dos carros que trafegam pelo Parque, como se ele fosse uma avenida alternativa — e não é — foi abandonada? Não daria alguns milhões de reais aos administradores no período de um ano?

Não se deve, repetimos, tirar conclusões pessimistas ou nenhuma reflexão da reportagem do Jornal de Brasília sobre o Parque da Cidade. Comprometida com os destinos da cidade desde seu primeiro número, conforme o próprio nome do jornal, esta folha só quer ver o maior parque urbano do mundo cheio de vitalidade e de recursos para bem cumprir o seu papel ecológico, cultural e de lazer.